

CANOAGEM TRADICIONAL COMO UMA MANIFESTAÇÃO ESPORTIVA DE IDENTIDADE CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ

MS. EVALDO JOSE FERREIRA RIBEIRO MALATO
Professor da Rede Estadual e Municipal no Estado do Pará
evaldomalato@hotmail.com

EVALDO JOSE FERREIRA RIBEIRO JR
Universidade Federal do Paraná
JOSÉ WILDEMAR PAIVA DE ASSIS

Professor da Rede Estadual no Estado do Pará
MARIA DE NAZARE DIAS PORTAL

Laboratório de Biociências da Motricidade Humana – LABIMH/RJ
Programa de Doutorado em Ciências do Desporto – UTAD/PT Escola Superior da Amazônia –
ESAMAZ

DR. MANOEL JOSÉ GOMES TUBINO (In memoriam)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

1 – INTRODUÇÃO

Desde o início da história da humanidade o homem precisou deslocar-se por cima da água em determinados trechos, e logo então surgiram o que hoje podemos definir como: canoas, barcos, navios enfim, diversas são suas nomenclaturas de acordo com os mais variados protótipos e modelos que até os dias de hoje foram e são criados para a mesma finalidade, a de transportar-se sobre as águas. E pesquisando sobre a história da canoagem tomamos conhecimento que os egípcios no séc. XV a.C. e mais tarde os astecas nos séculos III a IX d.C. usavam embarcações propulsivas com pás que alguns historiadores alegam ser a origem das atuais canoas, muito embora, temos conhecimento que esta necessidade de locomoção sobre as águas tenha surgido desde a origem do próprio homem. Porém, a grande corrente doutrinária afirma que foi no século XVI o registro das atuais concepções de canoa e caiaques. Neste período historiadores registravam a utilização de canoas na América do Norte, utilizando madeira e peles, embarcações leves e rápidas, próprias para enfrentar os rios canadenses, repletos de corredeiras. Enquanto que a canoa era utilizada por indígenas no interior do continente, o caiaque era usado pelos esquimós para pescar e transportá-los entre dois pontos da costa. Esses caiaques eram formados por uma estrutura de madeira, revestida com pele de foca e calafetada com a gordura das articulações daqueles animais. No Estado do Pará, Talvez um dos estados mais ricos hidrograficamente do Brasil, a canoagem desenvolve-se culturalmente de uma maneira bastante peculiar e específica, aqui devido a rica vegetação (Floresta amazônica) e a grande variedade de madeiras de Lei, as canoas são construídas artesanalmente com técnicas repassadas milenarmente por nossos ancestrais. Diversos tipos e modelos são desenvolvidos de acordo com cada região onde elas são construídas, mais todas de madeiras e adequadas a suprirem suas necessidades cotidianas.

Neste sentido o presente estudo optou por ater-se a cultura da canoagem tradicional praticada pelos ribeirinhos do estado do Pará, objetivando em termos gerais verificar sua contribuição como um dos elementos formadores da identidade cultural regional do Estado do Pará, buscando para tal, identificar o conceito de identidade cultural pelas suas relações com a globalização, o nacionalismo, a diferença e a brasilidade, o que possibilitou estabelecer referências que puderam levar a canoagem ou qualquer outra manifestação cultural brasileira, a ser considerada como variável positiva para sua aceitação como identidade cultural brasileira. Nesta direção, sugeriram-se referências que puderam a partir de uma validação metodológica evidenciar que a canoagem possa contribuir para a identidade cultural regional no interior do Estado do Pará. São elas: a construção discursiva, o sentimento de pertencimento, as comunidades imaginadas e a tradição inventada.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – O Canoagem tradicional no Brasil e no Estado do Pará

As primeiras embarcações surgiram das dificuldades que o ser humano encontrava em meio à natureza, utilizando-se das mesmas para superá-las. Esse fascínio envolvente vinculado à necessidade da navegação, independente da sua natureza resultou da prática da modalidade conhecida atualmente como canoagem. Dessa forma, a canoagem poderá ser um instrumento útil para a sobrevivência das populações ribeirinhas (canoagem utilitária), ou, funcionar como brinquedo que propicia divertimento, prazer, e turismo aos praticantes de finais de semana (canoagem lazer), até mesmo chegando ao extremo de estimular um atleta e uma embarcação a uma competição (canoagem competição) (TEREZANI, 2004). No entanto dois aspectos prejudicaram a massificação da canoagem no Brasil:

1- O primeiro seria a tardia criação do primeiro órgão administrativo de caráter nacional na canoagem, que surgiu somente em 1985. Infelizmente, os órgãos de caráter nacional-administrativo vieram a estruturar somente após um investimento em massa das empresas especializadas em esportes náuticos, levando o caiaque a ser apenas um material para comercialização, não o desenvolvendo como um brinquedo, o que daria suporte para o início de sua popularização;

2- O segundo motivo é decorrente do primeiro, em função da não estruturação da modalidade, passando a não propiciar o lazer como chamariz para a prática da atividade canoagem, não acarretava, conseqüentemente, a participação em massa, o que passara a aumentar o número de adeptos, tanto em nível participativo quanto em comprometimento.

Pode-se perceber que esses dois aspectos expostos acima evidenciam a complexidade da popularização de uma atividade esportiva, que decorrem dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Segundo Marcelino (2000) além do fator econômico, nos deparamos com outras barreiras que dificultam a propagação do lazer, como: gênero, a faixa etária, os estereótipos, as propostas de horários incoerentes para o desenvolvimento das atividades, a falta de democratização dos espaços para o lazer, formando um todo inibidor, limitando o lazer, quantitativa e qualitativamente. No entanto, temos também cidades que desfrutam de condições naturais favoráveis, que é o caso das cidades ribeirinhas do Estado do Pará, para o desenvolvimento desse esporte, com rios, lagos, mar, etc., mas, por desenvolverem políticas públicas municipais, não conseguem a propagação desta modalidade.

Terezani (2008) afirma que se considerarmos o esporte e o lazer como um direito social, ambos geram a necessidade da intervenção de políticas públicas, tendo em vista todo inibidor para sua prática, estimulando o lazer (incluindo nele o conteúdo físico esportivo), nas suas vertentes participativa, educacional e competitiva. Zingoni (2003) enfatiza o esporte e lazer como “setores de menor importância nos planos de governo, faltando mesmo uma Política Pública Nacional no setor, marcado, muitas vezes, pela falta de recursos, fruto de uma falsa hierarquia de necessidades.”

Dessa forma, para que a canoagem se propague como esporte e lazer pela interferência do Poder Público, a mesma deverá ser incluída nos seus programas esportivos, possibilitando o ingresso de novos interessados e oferecendo-lhes garantia de oportunidades. Outro aspecto fundamental é que sejam estabelecidas ações intersecretarias na chamada área cultural do lazer, atendendo os demais conteúdos do lazer, sendo um deles as atividades de caráter físico-esportivo nas quais a canoagem se insere, como também estabelecer parcerias com a iniciativa privada (TEREZANI, 2008)

2.2 – Referências para uma Identificação Cultural – A Construção Discursiva, o Sentimento de Pertencimento, as Comunidades Imaginadas e a Tradição Inventada

É possível se pensar na esportivização da prática da canoagem tradicional, já que esta mantém os vínculos culturais que a ela se ligam. Para torná-la uma modalidade esportiva reconhecida junto aos órgãos esportivos, é mister mostrar que o esporte, depende do valor

cultural que lhe é atribuído pelos diferentes segmentos sociais, passando a expressar significado e sentidos diferenciados na estruturação dos níveis de aspiração ao lazer. Para tal torna-se necessário conhecer o estímulo e as motivações culturais ambientais de amparo e desenvolvimento do esporte, as facilidades econômicas de sua prática, a qualidade de vida da população, os espaços disponíveis, o tempo livre para o lazer e o material esportivo disponível aos diferentes níveis sociais (Guimarães, 1996). Em outro estudo, Malato (2009) busca compreender o significado da canoagem tradicional segundo quatro categorias: a construção discursiva de seus atores, o sentimento de pertencimento ao grupo de praticantes e à região, as comunidades imaginadas em torno da canoagem tradicional e a tradição inventada.

Em relação à construção discursiva, O discurso comum ao grupo ribeirinho, quando vem carregado de práticas significantes estabelecendo identidades individuais e coletivas da figura do canoero. Tratar a canoagem como construção discursiva é perceber que é possível identificar o sistema simbólico na figura do ribeirinho, que é repetido e validado no comportamento dos outros indivíduos da região. As representações e condutas adotadas naquele povo, ao fazer do ato de remar, de construir a canoa, de transformá-la de ferramenta à brinquedo em suas vidas, confere o conjunto de significações e representações culturais daquele grupo.

Citando Woodward, apud Serra (2002, P. 57), “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”. Ora, a postura do povo ribeirinho, denota o “vestir” de significados à prática da canoagem, quando se construiu todo um “modo de ser”, desde o ato da construção da canoa até o de remar. No que tange ao sentimento de pertencimento, percebe-se que os praticantes se sentem imersos na representação criada, fazendo uso de termos comuns a eles desde os que enumeram a construção da canoa até o palavreado usado entre eles, desde o manejo do remo até o comportamento diante da inevitável derrubada de uma árvore, deixando claro o sentido de apropriação aos hábitos criados no imaginário canoístico.

Hobsbawm (2004, p. 18) atribui à palavra nação um significado subjetivo e outro significado objetivo, salientando que nenhum dos dois completa a palavra ao afirmar: “trataremos como nação qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”. Assim por dizer, o sentimento de pertencimento do grupo ribeirinho traz ao ato da canoagem uma prática própria, vivenciada e transformada em cultura local. Em relação às comunidades imaginadas, observou que apesar de não existir, formalmente estabelecido, um rol de comportamentos sociais a serem seguidos pelos praticantes da canoagem, estes demonstram no respeito à natureza, no ritual da construção das canoas, no manejo destas e no ato de ensinar aos seus descendentes toda a vivência que permeia suas vidas, pré-existe o modelo imaginado de comportamento padrão.

Anderson (1989, P. 14), considera nação imaginada atos semelhante a estes, já que: “nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”. Vemos a canoagem imbuída de elementos que a fazem ser uma comunidade, o que exemplificamos com o sentimento de companheirismo existente entre os ribeirinhos.

Finalmente no que tange à tradição inventada, Hobsbawm, apud Serra (2002, P. 63) observa que “o objeto das tradições, inclusive as inventadas, é a invariabilidade”, ou seja, a referência em relação ao passado seja ela real ou forjada vai depender de práticas fixas e repetitivas. A canoagem é praticada pela comunidade ribeirinha como um costume tradicional que se perpetua por vários anos, devendo ser inserida em uma perspectiva de cultura ao expressar o respeito às entidades da floresta, o perpetuar dos passos para a construção da canoa, identificando a prática como cultura nacional.

3 – METODOLOGIA

3.1 – O Tipo de Estudo: O presente estudo foi desenvolvido através de metodologias da pesquisa descritiva, uma vez que os estudos descritivos, descrevem situações de eventos coletivos a partir de dados primários, podendo ser qualitativos ou quantitativos (no caso qualitativo).

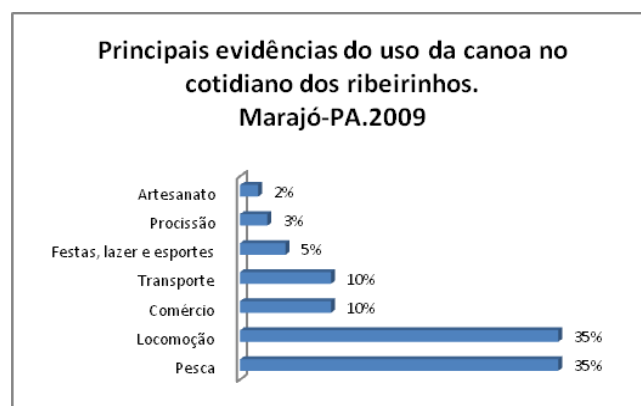
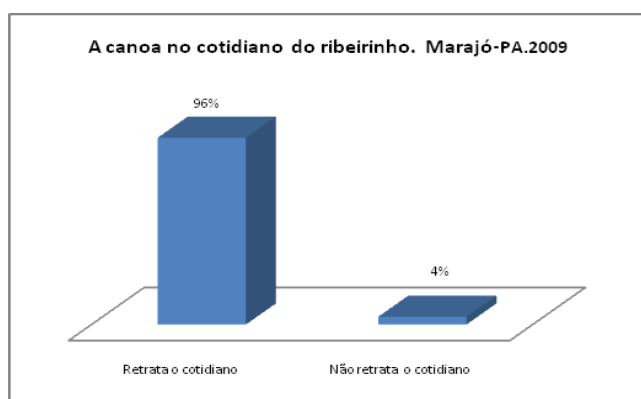
3.2 – A Amostra: Esta pesquisa teve como sujeitos participantes, 20 (vinte) moradores ribeirinhos residentes na vila de Aracaju, município de Cachoeira do Arari, ilha do Marajó, estado do Pará.

3.3 – Instrumento de Estudo: O instrumento de coleta de dados foi a entrevista do tipo estruturada, e para a realização das mesmas foi elaborado um questionário contendo perguntas do tipo fechadas dicotômicas e de múltipla escolha. Com objetivos de comprovar-se o seguinte:

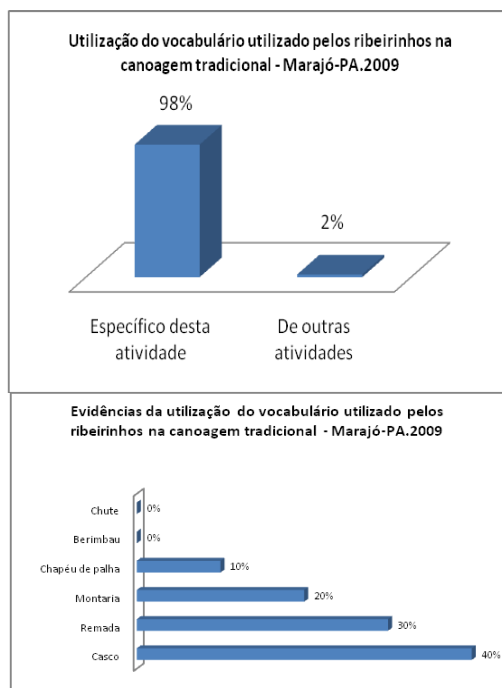
- 1) Construção Discursiva: Nos itens 1 e 2 destinou-se à obtenção de informações a respeito do entendimento de construção discursiva pelos entrevistados
- 2) Sentimento de Pertencimento: Do item 3 ao item 4 destinou-se à obtenção de informações a respeito do entendimento de sentimento de pertencimento pelos entrevistados.
- 3) Tradição Inventada ; Nos itens 5 e 6 a proposta foi obter informações a respeito do entendimento de tradição inventada pelos entrevistados.
- 4) Comunidades Imaginadas: Os itens 7 à 9 teve como objetivo obter informações a respeito do entendimento de comunidades imaginadas pelos entrevistados.

4 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

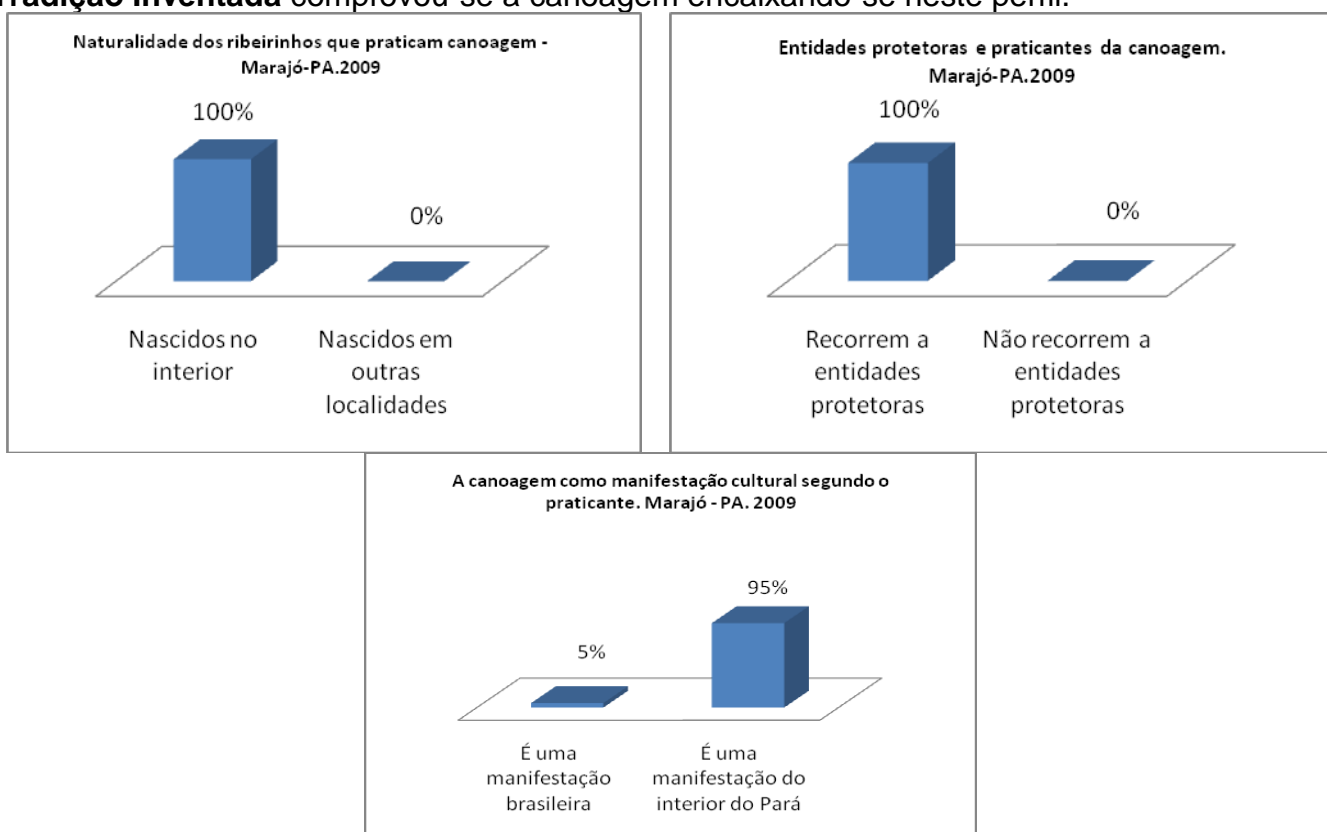
O estudo teve por objetivo confirmar a Canoagem como manifestação esportiva de identidade cultural do Estado do Pará. Para tanto, criou-se quatro (4) referências com citações de autores que versam sobre o tema, para a construção dos questionários. Na referência conhecida como **construção discursiva** foram inseridas 02 questões baseadas no instrumento de auto-apreciação. Neste sentido na primeira referência, fundamentaram-se os questionamentos em Stuart Hall (1997), observando que na construção da identidade dos ribeirinhos comprova-se o comportamento diante do uso das canoas como cultural. Assim foram aplicados os questionários a 20 pessoas entrevistadas.



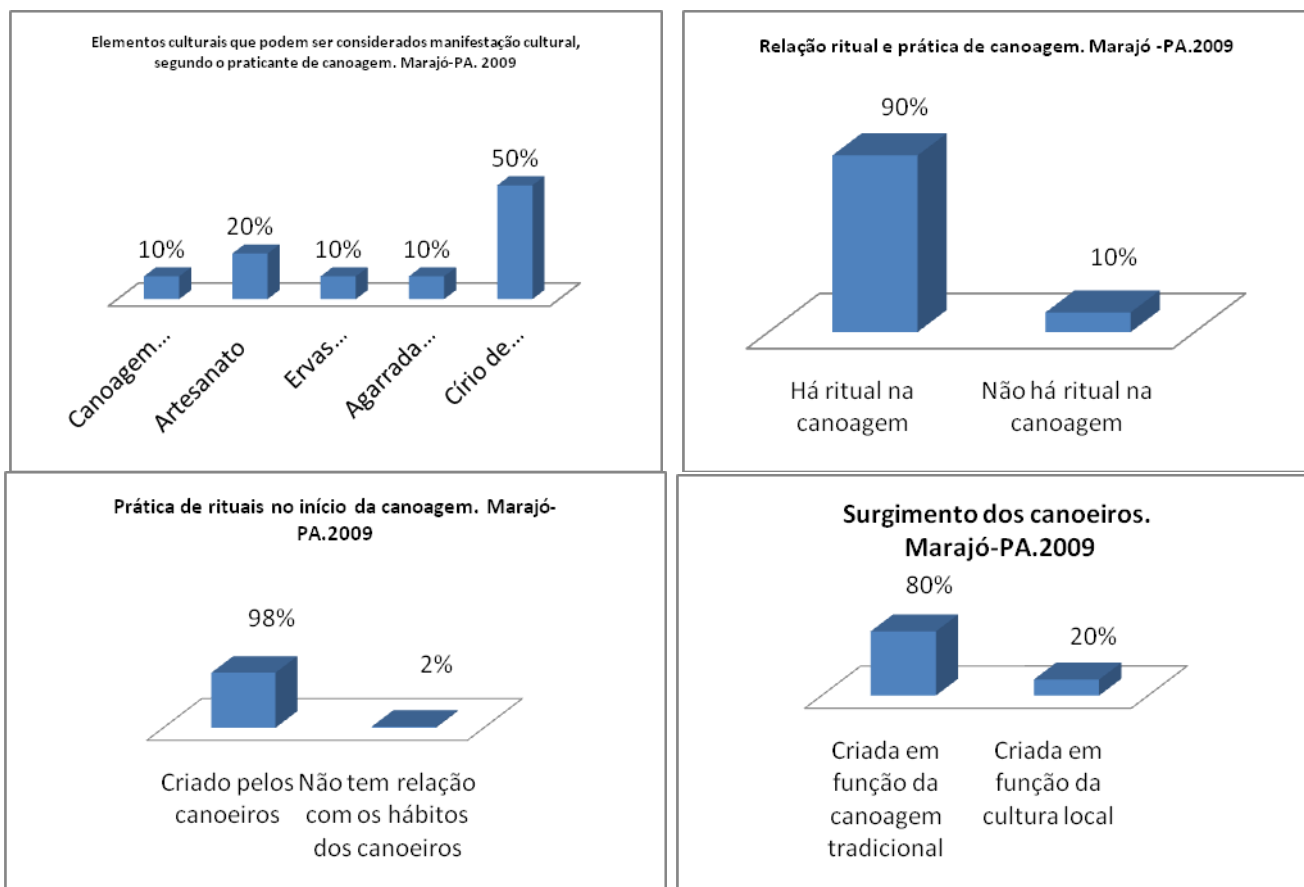
Em relação a terceira e quarta pergunta responderam que as frases e versos utilizados pelos ribeirinhos são específicos desta atividade. Confirmando desta forma a caracterização da canoagem como **Sentimento de pertencimento** no cotidiano ribeirinho.



Em relação à quinta referência com base em estudos de **Eric Hobsbawm (1997)** em **Tradição Inventada** comprovou-se a canoagem encaixando-se neste perfil.



No que concerne a quarta referência entendida como **comunidades imaginadas** com base em Benedict Anderson (1998), percebeu-se uma predominância nas respostas dos ribeirinhos reconhecendo o Artesanato, o círio e a canoagem como elementos do interior do Pará. Confirmando entre estas manifestações da canoagem como uma **comunidade politicamente imaginada**, limitada e soberana, esta constatação sustenta os objetivos de nossa pesquisa.



5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Parece justo e urgente organizar recursos para fomentar a institucionalização da canoagem tradicional, uma forma de promover o desenvolvimento do esporte e dos habitantes do lugar. Os ribeirinhos inventaram suas tradições, formaram seus pertencimentos, pois com a necessidade de criar e de instituir suas criações esportivas, vão imaginando e construindo outros mundos para além daquele que lhes é familiar, o do simples transporte para uma prática esportiva. É dentro desse contexto da criação humana que os praticantes de esportes nos rios amazonenses foram construindo suas ações na direção da vivência de algo novo, isto é, uma modalidade esportiva que ainda necessita de reconhecimento de sua identidade. Num enfoque de uma prática esportiva cidadã, de identidade cultural regional, de inclusão social, numa perspectiva de emancipação dos povos e comunidades ribeirinhas da Amazônia, buscamos o reconhecimento da canoagem tradicional como prática esportiva de identidade cultural. Neste sentido vários desafios precisam ser superados, ações institucionais e governamentais aperfeiçoadas e empreendidas, e este artigo pretendeu colaborar para que tal aconteça a partir do cotidiano daqueles que desfrutam da atividade.

Palavras-Chave: Canoagem tradicional, Identidade Cultural, culturalistas, referencias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. (1989) *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática.
- HALL, S. (1997) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP e A Editora.
- HOBSBAWM, E.; TERENCE, R. (1997) *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra.
- WOODWARD, K.; HALL, S. (2000) *Identidade e diferença*. Organização Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes.

- BAHIA, M. C. **Lazer – Meio Ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos Esportes de Aventura**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, SP, 2005.
- BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Turismo de Aventura na região amazônica: desafios e potencialidades. In: UVINHA, R. R. (Org.) **Turismo de Aventura: reflexões e tendências**. São Paulo, SP: Aleph, 2005. P. 155-182.
- BARROS, M. I, DINES, M. Outdoor Education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO, c. (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo, SP: Chronos, 2000.
- BARROS, M. I. A.; DINES, M. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude. In: SERRANO, C. (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo, SP: Chronos, 2000.
- COSTA NETO, P.L.O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2002.
- FLEGGNER, A. J. & DIAS, J.C. **Pesquisa e metodologia. Manual completo de pesquisa e redação**. Rio de Janeiro: Ministério do Exército – Centro de Capacitação Física e F.S.J., 1995.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- KOHNEN, U. P. **Tudo sobre caiaques**. 20º ed. São Paulo: Nobel, 1989. LAVOURA, T. N. Canoagem: Interfaces com o lazer, o esporte e a educação. Governador Valadares: Editora Univale, 2008
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 1996.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCELINO, N. C. **Estudos de lazer: uma introdução**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- MERKLE, L. A. **O que é canoagem: Apostila Técnica**. Curitiba, 1993.
- MINAYO, M. C. S. M. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.
- REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia da Pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WAK, 1997.
- SÉRGIO, M. **Algumas Teses sobre Desporto**. 2ª Edição. Editora Lisboa. Compedium, 2003.
- TEREZANI, D. **A popularização da canoagem como esporte e lazer: O caso de Piracicaba – SP 2004**. 122p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.
- TEREZANI, D. **Propostas interdisciplinares para a canoagem**. Piracicaba: Equilíbrio Editora, 2008.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 2002.
- TUBINO, M. J. G. As dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez, 1992
- TUBINO; M.J.G.; SILVA, K.M. **Esporte e Cultura de Paz**. Rio de Janeiro: Shape, 2006.
- TUBINO, M. J. G.; TUBINO, F.; GARRIDO, F. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.
- TUBINO, J. M. G. (2002) **Comunicação pessoal. Disciplina: Estudos Avançados do Esporte**. Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro.